

Os meus passeias

por
JORGE VICTOR

A minha região é o país da malária e sua legítima capital esta vila onde escrevo as letras que aí ficam.

Morre-se de perniciosas como nos maus sítios de África. Há pontos do «interior» onde o médico raramente vai; os doentes veem então à informação e quando prestes a morrer carrega-se com eles, nalguma carroça, até ao hospital. Mesmo assim escapam muitos.

A subtilidade, a alta intuição científica—necessárias para estes tratamentos por informação! E' a mulher ou algum dos moços que está de borco, já um rór de dias? O pai perde o amor a uma jorna e vem à vila, ao doutor. «Então que tem a mulher?—Saberá o senhor doutor que tem fevres vai para duas semanas. Uma dor de lado. Orina negro». Pergunta daqui, pergunta dali, faz-se um diagnóstico e receita-se. E chega-se a acertar. A maior parte das vezes trata-se realmente de «fevres», mas há seu catarral, seu tifo, e outras coisas mais complicadas. Tudo se trata por informação—até o doente se pôr bom, ou morrer, ambas as duas soluções naturalíssimas. Bastantes casos, porém, dão tempo para mudar o doente da enxerga, na cabana, para uma cama na enfermaria. Enquanto podem preferem a cabana; carrega-se com eles quando estão por tudo. Em coma, ou quasi. Mas escapa muita gente, mesmo assim.

A pavorosa mortalidade infantil. Temos as mais variadas e complicadas formas de sezonismo. Casos interessantíssimos! Aí pelas portas dos médicos, à hora da consulta, veem-se diariamente mulheres e crianças deitados pelo chão. Não cabem lá dentro, ou não chegam as cadeiras. Também pode ser falta de costume de estar sentado em cadeiras. Depois vão para debaixo das árvores da avenida, ou de alguma praça, esperar que um dos pais dê as suas voltas pelos remédios, e outras. Onde poderiam esperar mais higiénicamente? O bom campismo, à sombra das árvores. As mulheres chegam a parir no trabalho. Mulher no lar, ou mulher trabalhadora? No período da amamentação ficam as crianças junto à copa, nos fogões, a chorar com fome e aos mosquitos, no verão, ou roxos de frio, no inverno, pela azeitona, até à hora dos descansos ou à lar-

gada da noite. «Môças, vamos à cela»—e muitas dessas «môças» fanadas por sete e oito filhos e mais—metade mortos—tem agora tempo sobejo para encher a barriga daqueles bacoritos que esperneavam pelas suas tetas. Mas ah!—tanta vez sai água chilra ou pouco mais. O melhor delas ficou no trabalho. Vão então umas sopas de café—café sem leite. Que o leite de vaca faz tuberculose e o de cabra febre de malta! Lá pelo preço e por não o haver à venda aí pelos montes não é. Em muitos montes, em quasi todos, há cabras e há vacas leiteiras, há; mas são do patrão, para os seus rosados querubins. E o que não é preciso em suas casas, para os pequenos-almoços, chupam-no os bezerros e os chibos, coitados, para crescerem bem e darem interesse. Mas mesmo assim, nem tôdas as crianças morrem. Bastantes passam o período das enterites e as crises várias do crescimento e chegam a ser gente. E até fortes, alguns.

A geração dos vinte anos neste 1939 de paz chamberlaindesca deve ser tão sábia que deu a percentagem de 70 a 80 no apuramento para soldados. Já veem. Onde há melhor?! Bem amiude replica o sino, festivamente, por anjinhos aí da vila que sobem ao céu; e nas freguezias do campo eles sobem ao céu por portas travessas do enterramento, mesmo sem o festivo repicar do sino—mas a população aumenta. Como não somos povo explosivo, não há problema. Problema até, é o da gente de mais, pois não é verdade? Os senhores, os de barão e cutelo, passam o verão fora, vão até às praias ricas, com suas regaladas esposas e os filhinhos principescos, a criadagem, e até chegam a levar os cães. Os de mela tigela, agentes e filas daqueles, vão para praias mais somenos. Os cães destes ficam geralmente aí pelas lojas. O povo, aguenta na trincheira de todos os dias, a curtir a malária, dando o sangue aos mosquitos e a vida inteira aos parasitas vários. Lá se lhe veem no sangue, com bons microscópios: gamontes, aneis, mórulas... Não, não há problema.

2

Desde o maltez de pau e manta até às corucheiras, pequeninas e bailarinas, de sala rodada principescamente, daqui bem perto, são milhares e

milhares os imigrantes no meu concelho. Há sezão que te parta, é certo, e nem a jorna enriquece, mas ainda é onde se coalha algum vin-tem.

O maltez anda por aí permanentemente. Dantes vinha pelo arroz, ficava até ao fim das marinhas, e partia, como judeu errante, sabe-se lá para onde. Por aí! Agora, com as obras de hidráulica, entram uns salem outros, trabalham hoje aqui, amanhã ali, trabalham dois ou três dias e dormem, bêbados e livremente, o resto da semana, trabalham uma quinzena e são despedidos outra, à vantagem das empresas; mas no seu conjunto permanecem.

Os beirões, os antigos rati-nhos, veem contratados, desde os Santos ao S. João. Ganham certa soldada, 70\$00 a 80\$00 cada mês, os homens, uns 50\$00 as mulheres e rapazes, em ranchos separados, cada qual com seu moiral, e comem à conta do «senhor patrão». O passado é hortaliça, feijão ou grão, e farinha de milho e centelo, feita uma papa com azeite. Trabalham que nem cavalos, dizem-no os patrões, e dormem, quasi amontoados, num armazem qualquer, ou cabanão, sobre camas de junco, gafados de pulga. Dois ou três mezes depois de abalarem, quem entrar no quartel precisa arregaçar as calças até o joelho e sacudir bem as pulgas à saída. Negrejam nas pernas. A sarna, as doenças de olhos, são vulgaríssimas. Mas teem saúde de ferro—quasi todos voltam às terras com duas ou três notas de cem.

As argarças e as corucheiras veem só fazer a monda: dez ou doze semanas do verão. Ganham semanalmente, as corucheiras sempre mais um ou dois escudos diários. Comem à sua custa. A gente do algarve quasi passa fome, para forrar; a corucheira trata-se com dignidade. Os quartéis são iguais; as pulgas cheza Coruche são notavelmente menos, mas na Casa do Algarve são como na Casa da Beira, ou pior ainda. Diz-se que a pulga é perigosa, por transmitir doenças graves, mas isso deve ser pura imaginação de sábios. Aí temos a prova. A pulga não prejudica, nem o piolho, vive-se muito bem na sua comunidade.

Vem gente para as ceifas, para carvoarias, para tudo. Mas de quem eu queria hoje contar era dum caramelo. Estes são de Montemor-o-Velho,

Mira e redondezas. Chegam aí por Janeiro e demoram até fins de Maio e Junho dentro. Fazem principalmente as cavas. São grandes homens, de enxada na mão. Valentes e bons caramelos! Valente e bom povo inteiro, afinal e mais verdadeiramente, com que se tem feito tudo, desde há oito séculos! Quem te glorificará nos centenários?! Escravizado, na maior das misérias (na Europa) por todos traído, desde há muitos mais séculos, escreve cartas como a desse caramelo que vou transcrever, e que por mero acaso me veio parar às mãos. Para quê literatura, para quê comentários? Quem saiba entender que entenda. Só há um patriotismo, único: o amor de tal povo. O resto é defeza de interesses, mais ou menos hipócrita.

...11 de Maio de 1939.

Minha querida mulher muito estimo que tu quando ao receberes esta minha carta estejas gosando em companhia dos nossos filhos e de mais toda a nossa família em geral a felicidade de uma boa saúde.

Eu e os meus companheiros até à data tudo está bem felicemente.

Vitalina, sou a dizer-te que recebi aqui há dias uma tua carta com a data de 15 de Abril recebida aqui no dia 30 do mesmo mez por causa de as direcções nunca virem escritas em condições. Beem as cartas para aí quase a adivinhar. Agora pides a quem te escreva a direcção em condições que aqui te mando explicada J... D... C... em... ao cuidado de... Lá as cartas não tem duvida que seja o rapaz que as faça mas a direcção pedes como já te disse a quem houver de escrever. Porque aquela foi recebida no dia 30 e já para aí trago outra e não sei quando virá.

Vitalina aí te remeto a quantia de 140\$00 em os recebendo peço que me mandes dizer imediatamente. Farás o registo do nascimento do menino no registo civil e o nome isso aí é com vocês. Falas com o meu irmão e logo vês como é que ha-de ser mas isso que não falte. Agora também te digo veijas aí onde é que é preciso boano na Cardoza e na Marzagoa principalmente e regas se tu puderes e se não puderes falas a uma mulher e vais tratando disso como saves. Bem vês que temos de

(Continua na página sete)